

Da Loucura em Lobo Antunes

Mestranda Carla C. Mello¹ (UFSC)
Prof. Dra. Susan A. de Oliveira² (UFSC)

Resumo:

Este trabalho coloca em foco o romance de António Lobo Antunes “Conhecimento do Inferno” para apresentar a temática da loucura a partir do narrador-personagem do livro. Um psiquiatra que, alistado no exército português como médico, experienciou a guerra da independência colonial angolana e, ao retornar para Lisboa dois anos depois, não consegue mais reconhecer-se no que era sua vida antes da partida. Em outras palavras, esse sujeito que retorna encontra-se perpassado pelos discursos da psiquiatria, mas desacredita-se como médico e não consegue mais distinguir o que é loucura ou razão. Essa obra de Lobo Antunes é uma viagem do presente ao inferno de um passado sombrio, mas também a todos os infernos que se consolidaram através de guerras ou de loucuras cotidianas, resultando em sujeitos inacabados e incapazes de apostar em um futuro esperançoso. A loucura, questionada principalmente quando esse narrador-personagem coloca em xeque o discurso de psiquiatra, remete ao caos em que se encontram atualmente todas as certezas do ser humano que, por isso, busca problematizar a autoridade máxima criada por si, ou seja, a ciência, que sempre classificou o que é são ou doente, porém não consegue achar a cura para as mazelas da alma do ser humano, criador de grandes obras que vão desde as antigas esfinges até os monstruosos arranha-céus a lhe sufocarem na contemporaneidade. A ciência versus a experiência desse sujeito fragmentado desestabilizam os conceitos máximos de “verdade” que podem definir se alguém é digno de ser considerado “são” ou não. Veremos esses caminhos através de algumas terapias e de alguns pacientes encontrados nesse romance, para apontar que talvez seja mais difícil do que parece encontrar as respostas certas para coisas tão incertas como o é o ser humano.

Palavras-chave: Loucura, António Lobo Antunes, Conhecimento do inferno.

1 Introdução

Para se compreender o sujeito do romance “Conhecimento do Inferno“, de António Lobo Antunes, há que se perscrutarem caminhos errantes pelos quais ele nos leva: sua viagem aponta um fio condutor das memórias que trazem o trauma, o ressentimento e a melancolia perpassados pela discussão acerca da loucura.

A loucura é questionada principalmente quando esse narrador-personagem

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: carlinhamello84@gmail.com.

² Doutora em Literatura e professora adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina, atuando na área de Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Coordenadora do Núcleo de Estudos de Poéticas Musicais e Vocais – Griot. E-mail: susandeoliveira@yahoo.com.br.

assume o discurso de psiquiatra e remete ao caos em que se encontram atualmente todas as certezas do ser humano que, por isso, vêm problematizar a autoridade máxima criada por si, que é a ciência.

Há nessa narrativa uma clara desilusão de vida e de esperança para o protagonista e/ou para o mundo. Aqui a memória da guerra colonial angolana, os discursos sobre a loucura desse narrador-psiquiatra, e a fragmentação do sujeito que retorna de uma experiência traumática tornam-se ainda mais expostas, como golpes que nunca param de atingir este ser. Talvez ainda se expressem através de uma linguagem que sente que nessas feridas joga-se o sal para se aguçar ainda mais a dor, na tentativa de expurgá-la.

As frases que permeiam seus doze capítulos são de grande impacto e, geralmente, indicam um fim inevitável. A moldura desse cenário trágico dá-se numa viagem que dura um dia, entre as cidades de Balaia e Lisboa, com paradas em diversas cidades que reportam às lembranças inacabadas e incabíveis da vida de nosso personagem. Por fim, esse sujeito precisa em determinados momentos confrontar o discurso e a experiência, trazendo à luz a figura do outro, aquele com o qual pode se identificar ou des-identificar, conforme os liames que sua memória traumatizada e ressentida for definindo. Esse percurso faz-se necessário para finalizarmos o trabalho mostrando que nosso personagem encontra-se em ruínas, ou seja, é como se o vazio de si moldasse seu mundo, sendo tudo uma possibilidade do improvável que se solidifica na linguagem através de discursos que escondem uma delicadeza do sujeito.

Vale ressaltar o caráter autobiográfico das obras, pois Lobo Antunes foi, de fato, um psiquiatra que foi para o campo de batalha no final da Guerra de Angola, e também em um momento da narrativa alguém apresenta o protagonista como homônimo do escritor. Explicito aquilo que a grande estudiosa do escritor, Maria Alzira Seixo (2002), fala sobre essa característica fortemente marcada, especialmente em suas primeiras obras: ela nos diz que a autobiografia, para o escritor, significa a “colocação do outro no lugar do mesmo (...) e uma radical questionação da identidade”³.

Assim sendo, as fronteiras entre ficção e realidade remetem ao espelhamento, possibilitando-se através da primeira, criar um universo onde a memória consiga trazer e organizar as experiências através de lembranças, que já se transformam naquilo que uma obra literária demonstra, pois o espelho também pode refletir uma imagem distorcida do

³ SEIXO, 2002, p. 497 apud BIAZETTO, 2009, p.14.

real, uma visão que nossa memória involuntária construiu a partir dos restos do vivido.

2 O papel da loucura

Um dos motes que perpassam toda a narrativa traz à tona um dos conceitos mais polêmicos ao longo de toda história da humanidade: a loucura. O fato de o protagonista ser um psiquiatra nos mostra cenas inusitadas onde ele questiona a profissão e o próprio saber humano, nos guiando para uma análise da loucura no sujeito contemporâneo. A aproximação da sua memória de guerra com a II Guerra Mundial, por exemplo, pode aludir ao absurdo dessa experiência traumática e que pode resultar na loucura, como cita o narrador-personagem:

Estou em Auschwitz, pensou, estou em Auschwitz, fardado de SS, a escutar o discurso de boas-vindas do comandante do campo enquanto os judeus rodam lá fora no arame a tropeçarem na própria miséria e na própria fome, estou bem barbeado, bem engraxado, bem alimentado, bem vestido, pronto a aprender a cumprir o meu ofício de guarda, *pertenço à raça superior dos carcereiros, dos capadores, dos policiais, dos prefeitos de colégio e das madrestas das histórias de crianças, e em vez de se revoltarem contra mim as pessoas aceitam-me com consideração porque a Psiquiatria é a mais nobre das especialidades médicas* e é necessário que existam prisões a fim de se possuir a ilusão imbecil de ser livre (...).⁴

Diante dessa necessidade que o sujeito tem em delimitar os paradoxos da vida humana, a ambivalência entre loucura e razão é uma das consequências de uma modernidade que nos prometeu um futuro com "igualdade, fraternidade e liberdade", incluindo nessas ideias a de "civilidade", dando-nos a sensação de uma ordem, porém, o que acontece é que essas classificações nos iludem e nos confundem, pois "onde há poder, há resistência" como já nos disse Foucault⁵.

Os binarismos e polaridades sempre buscaram nos dar um panorama concreto daquilo que deveria ser a vida: o bom *versus* o mau; o bonito *versus* o feio; e assim por diante, entretanto, com o advento da modernidade e das novas tecnologias mundiais, agregados ao sistema econômico que norteiam a vida dos sujeitos nos países ocidentais, desencadeou-se inúmeras lacunas entre esses termos binários. A loucura mesmo é uma das principais questões que sempre foi levada ao extremismo: do sagrado ao profano

⁴ ANTUNES, António Lobo. **Conhecimento do inferno**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, p. 49-grifos meus.

⁵ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 1997.

disseminou-se sua saga. Na literatura, da mesma forma ela pode ser uma benção ou uma maldição, como bem explorou Foucault em seu livro “História da loucura”.

Nos livros de Lobo Antunes, especialmente em “Conhecimento do Inferno“, o que se percebe em diversos momentos é uma metalinguagem a respeito da loucura: há momentos em que se vê os discursos da psiquiatria sendo desafiados pelas atitudes comportamentais dos pacientes; mas em outros, o narrador-personagem faz ironias e duras críticas à profissão e à ciência. Dessa forma, parece-nos confundir e desequilibrar a noção absoluta de verdade ao tentar definir-se e encaixar-se em algum padrão, como se apresenta o narrador-psiquiatra nessa passagem:

Não tinha coragem de me mandar à merda para não me mandar à merda, de mandar à merda a medicina, a psicanálise, os tranquilizantes, os antidepressivos, a psicoterapia, o psicodrama, a puta que os pariu. [...] Fingia acreditar na insulina, nas curas de sono, na terapêutica ocupacional, fingia acreditar nos psiquiatras e instalava-me [...] a fim de receitar pílulas que ajudassem os chacineiros, as operárias da cortiça, os camponeses que aravam em vão o nevoeiro e a humidade, imersos no odor putrefacto, enjoativo, do rio, a durarem sem sonhos até à madrugada seguinte, pálida e gelada como o olhar de vidro cego dos defuntos.⁶

Há também um episódio de ano novo⁷ no hospital que faz com que nosso protagonista comece a comparar a vida dentro e fora das paredes frias daquele lugar - com pessoas tidas como “doentes”, excluídas da sociedade, abandonadas de suas famílias por se enquadrarem numa classificação repugnada pela sociedade dita como normal, mas essa mesma sociedade enclausura os problemas com os quais não consegue lidar para, dessa forma, justificar seus atos na indiferença e na impessoalidade, conforme constata o narrador.

Outra cena diz respeito a uma terapia do espelho:

a enfermeira-chefe enxotou as doentes na direcção da sala dos espelhos como se empunhasse uma cana invisível nas mãos, e as camisas de dormir cambaleavam à laia de gansos corredor fora, a enfunarem as penas de algodão do ventre num pandemônio de grasnidos, os quais se ampliavam, se deformavam, se dividiam, se pulverizavam nas superfícies de vidro numa tempestade rouca de sons. Se um rosto ao espelho se torna estranho e diferente, ameaçador, canhoto, inquietante, o eco de um som, de vários sons, de muitos sons, adquire o aspecto de uma visão insuportável, de um pesadelo ensurdecido, de uma paisagem de

⁶ ANTUNES, António Lobo. **Conhecimento do inferno**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, p. 132.

⁷ Id., *Ibid.*, 2006, p.184.

grotescos gemidos que nos envolve, até nos submergir, na sua dança de ruidosas sombras. [...] mirando-se nos espelhos com inexpremível pavor: eram quarenta ou cinquenta mulheres que os tratamentos psiquiátricos haviam reduzido a animais indiferentes, de boca oca, de íris ocas, de peito oco, durando vegetalmente na manhã de verão ampliada de fulgurações azuis.⁸

Aqui se percebe a ironia de se buscar a cura no espelho, pois este refletiria a alma dos doentes, porém o que acontece é que as pessoas são reduzidas a nada diante da imagem de si mesmas. O espelho como um reflexo infinito do ser gera a propagação da esquizofrenia, nesse caso, pois se o espelho reflete a alma, é uma alma transparente que está totalmente condicionada a uma finalidade médica que faz com que essas mulheres não consigam se aperceber quem são e sejam tratadas com indiferença e friamente.

Podemos também perceber nessa terapia do espelho as medidas que o ser humano traça entre si e o outro, mas essas medidas podem tanto ser de identificação quanto de desidentificação, logo, ao transportarmos essa experiência para a vida dos sujeitos, podemos aludir que a loucura está presente em todos os seres, servindo ora como um bálsamo comum entre os viventes - pois pequenas loucuras são necessárias para sobreviver nesse mundo hostil -; ora se apresenta como uma praga que lhe diferencia de todos e o etiqueta conforme lhe convir.

Ao refletir sobre a profissão, o personagem é taxativo no que diz respeito a uma desconstrução a respeito do próprio caráter de um psiquiatra:

Os psiquiatras são malucos sem graça [...], palhaços ricos tiranizando os palhaços pobres dos pacientes com bofetadas de psicoterapias e pastilhas, palhaços ricos enfarinhados do orgulho tolo dos polícias, do orgulho sem generosidade nem nobreza dos polícias, dos donos das cabeças alheias, dos etiquetadores dos sentimentos dos outros: é um obcecado, um fóbico, um fálico, um imaturo, um psicopata: classificam, rotulam, vasculham, remexem, não entendem, assustam-se por não entender e soltam das gengivas em decomposição, das línguas inchadas sujas de coágulos e de crostas, dos lábios arroxeados de livores de azoto, sentenças definitivas e ridículas.⁹

A ciência sempre exerceu um papel norteador e é uma autoridade máxima em nossa sociedade ocidental em praticamente todas as áreas do saber. Michel Foucault, em seu livro já mencionado faz uma análise a respeito das mudanças discursivas da temática

⁸ Id., Ibid., 2006, p.84.

⁹ ANTUNES, António Lobo. **Conhecimento do inferno**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, p.65.

da loucura ao longo da história da humanidade. Nas palavras do autor, podemos perceber o quanto essa variação vai depender de axiologias vigentes durante determinadas épocas, como nos diz:

A experiência trágica e cósmica da loucura viu-se mascarada pelos privilégios exclusivos de uma consciência crítica. É por isso que a experiência clássica, e através dela a experiência moderna da loucura, não pode ser entendida como uma figura total, que finalmente chegaria, por esse caminho, à sua verdade positiva; é uma figura fragmentária que, de modo abusivo, se apresenta como exaustiva; é um conjunto desequilibrado por tudo aquilo de que carece, isto é, por tudo aquilo que o oculta. Sob a ciência crítica da loucura e suas formas filosóficas ou científicas, morais ou médicas, uma abafada consciência trágica não deixou de ficar em vigília.¹⁰

Nesse romance, percebemos que o protagonista encontra-se fazendo uma autoreflexão a respeito de uma possível consciência trágica acerca da loucura e da profissão de psiquiatra. Assim, encontramos diversas passagens onde o narrador-personagem possui dúvidas em relação à sua profissão:

[...] decidira ser psiquiatra para entender melhor (pensava) a esquisita forma de viver dos adultos, cuja insegurança pressentia por vezes atrás dos seus cigarros e dos seus bigodes, inclinados para a sopa do jantar numa seriedade pontifícia.

[...] resolveu ser psiquiatra a fim de morar entre homens distorcidos como os que nos visitam nos sonhos e compreender as suas falas lunares e os comovidos ou rancorosos aquários dos seus cérebros, em que andam, moribundos, os peixes do pavor.¹¹

Os *flashbacks* que o narrador tem sobre seu trabalho na psiquiatria, desde o ingresso à universidade até descrições de pacientes interessantíssimos se coloca em contraste, por exemplo, com a imagem da "Associação dos Psiquiatras" onde sarcasticamente ele narra os estereótipos de médicos, e dessa maneira, aponta uma confusão entre loucura e razão: ambas estão em toda parte e em diversos níveis, no entanto, alguns têm o poder legado pelo Estado e pela sociedade para decidir quem é ou não é insano:

[...] como resistir de dentro, quase sem ajuda, à inércia eficaz e mole da

¹⁰ FOUCAULT, Michel. **A história da loucura**. 1997, p.28-9.

¹¹ ANTUNES, António Lobo. **Conhecimento do inferno**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, p. 17-8.

psiquiatria institucional, inventora da grande linha branca de separar a “normalidade” da “loucura” através de uma complexa e postiça rede de sintomas, da psiquiatria como grosseira alienação, como vingança dos castrados contra o pênis que não têm, como arma real da burguesia a que por nascença pertence e que se torna tão difícil renegar, hesitando como hesito entre o imobilismo cômodo e a revolta penosa, cujo preço se paga caro [...].¹²

A memória fragmentada do protagonista tenta compreender a vida, procurando um sentido para os absurdos que a raça humana faz, arrastando os desgraçados, os desiludidos, os heróis de guerras estúpidas, os internos do manicômio e o próprio psiquiatra - que estudou tanto, para nada compreender - para a única certeza que temos nessa vida, ou seja, a morte.

A tentativa do protagonista, durante toda a viagem, é tentar reconstruir através das memórias anteriores e posteriores à guerra, sua identidade e seu papel nessa sociedade onde ele está inserido. A loucura aparece, por vezes, como um meio de fugir àquilo que seria convencional e tenta mostrar um lado diferenciado - mas também indiferente - da vida dos personagens e dos acontecimentos que parecem, desde o dia a dia até a guerra, fazer parte dum fluxo contínuo e repetitivo de tentativa de sobrevivência em meio ao caos instaurado entre as pessoas e seus modos de viver.

3 O outro enquanto medida do sujeito eu

As relações entre o eu e o outro nos possibilita traçar algumas semelhanças e diferenças que podem se dar através do discurso, bem como da experiência. O narrador-personagem parece querer trazer à tona esse outro para, quem sabe assim, tentar compreender-se a partir desses limites que se auscultam e, ora se defrontam, ora parecem falar a mesma língua. A certeza de que nosso protagonista não conseguia sair do hospital vem à tona quando se lembra dos pacientes (o outro) e explicita que não os compreendia, apesar de ter que tratá-los:

Nunca saí do hospital, pensei, e apesar disso nunca entendi os internados: digo Bom dia ou Boa Tarde, subscrevo diagnósticos, ordeno terapêuticas, mas não compreendo, de fato, o que se passa por detrás das expressões vociferantes ou opacas, dos olhos apagados, das bocas sem saliva dos

¹² ANTUNES, António Lobo. **Memória de Elefante**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, p. 48.

doentes.¹³

A incompreensão do psiquiatra diante de seus doentes nos permite pensar no sujeito outro não como o mesmo, mas sim um estrangeiro, um outro que não se pode alcançar, pois essa experiência, seja ela qual tenha sido, não coube àquele como a mim.

Durante a guerra, por exemplo, o que me separa do outro é essa experiência da morte ou ainda de sobreviver à ela, esse fim inevitável de algo que não se conhece, mas que ronda soturnamente os sobreviventes, aqueles que, de alguma forma, viram-se face a face com essa tão temida verdade. O sujeito só tem como medida essa (in) consciência de que, na verdade, os dramas vitais, embora sejam parecidos, são vividos de maneiras diferentes por cada indivíduo dependendo do universo e da situação em que se vive. Mas de qualquer forma, tudo sempre aponta para um mesmo fim, pois segundo Kristeva:

Estranhamente, o estrangeiro habita em nós: ele é a face oculta da nossa identidade, o espaço que arruína a nossa morada, o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia. Por reconhecê-lo em nós, poupamo-nos de ter que detestá-lo em si mesmo. Sintoma que torna o “nós” precisamente problemático, talvez impossível, o estrangeiro começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades.¹⁴

Em Lobo Antunes, essa temática do outro se torna necessária para se compreender o porquê esse sujeito precisa reelaborar a imagem de si, a busca de sua identidade que se tornou vazia de sentido. Ao se observar o ressentimento da guerra e da falta de identidade, nosso narrador-personagem cai numa profunda melancolia que, juntamente com a loucura, exercem sobre si uma reconfiguração que o fazem buscar no outro alguma forma de sobrevivência, ou talvez, através da escrita tentar transmitir a esse outro os erros grotescos de um passado incompreensível e inapreensível para aqueles que não participaram da construção deste.

Seja esse outro considerado são ou insano, dependendo dos discursos que lhe cabem, é a partir deste que o protagonista busca uma possível salvação para si mesmo.

E na busca desse outro, ora como um igual, ora como um estrangeiro em si mesmo, talvez encontre, ao menos que discursivamente, um placebo corporificado em palavras, palavras que se querem ouvir, sentenças que se revelam nas entrelinhas que não

¹³ ANTUNES, António Lobo. **Conhecimento do inferno**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, p.112.

¹⁴Id., *Ibid.*, 2001, p.9.

se quer admitir para si, mas que compõem essa narrativa culminando em uma única via: a escritura. Há que se voltar e (re)voltar ao universo riquíssimo desse romance por várias vezes e vasculhar novos olhares, embora esses olhares apontem sempre pra mesma direção, a daquele sujeito que fala incessantemente para outro, pelo e através do qual ele sobrevive, e vive enfim, como discurso inacabado de loucuras possíveis.

Referências Bibliográficas

- 1] ANTUNES, Antonio Lobo. **Conhecimento do Inferno**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- 2] FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. 10. ed. Rio de Janeiro (RJ): Graal, 1997.
- 3] _____. **A história da loucura na idade clássica**. 2a edição. São Paulo (SP): Perspectiva, 1987.
- 4] KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.